



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DE SANTA

O SECULO

RITA

A FAÇANHA DO GALO CANTOR

POR VIRGINA GOMES DE MENDONÇA

NUM berreiro infernal, a gansa mãe, acompanhada pelas suas meninas, entrou no quintalório.

As enormes asas, a dar, a dar, puzeram logo em debandada as atemorizadas galinhas, pintos, patos e perús. Só o galo, mais atrevido, se deixou ficar, cheio de curiosidade. A senhora gansa, abrindo o grande bicanço, apregoava as graças, a elegância e o garbo das filhas.

Nenhum bicho da capoeira possuía mais finas

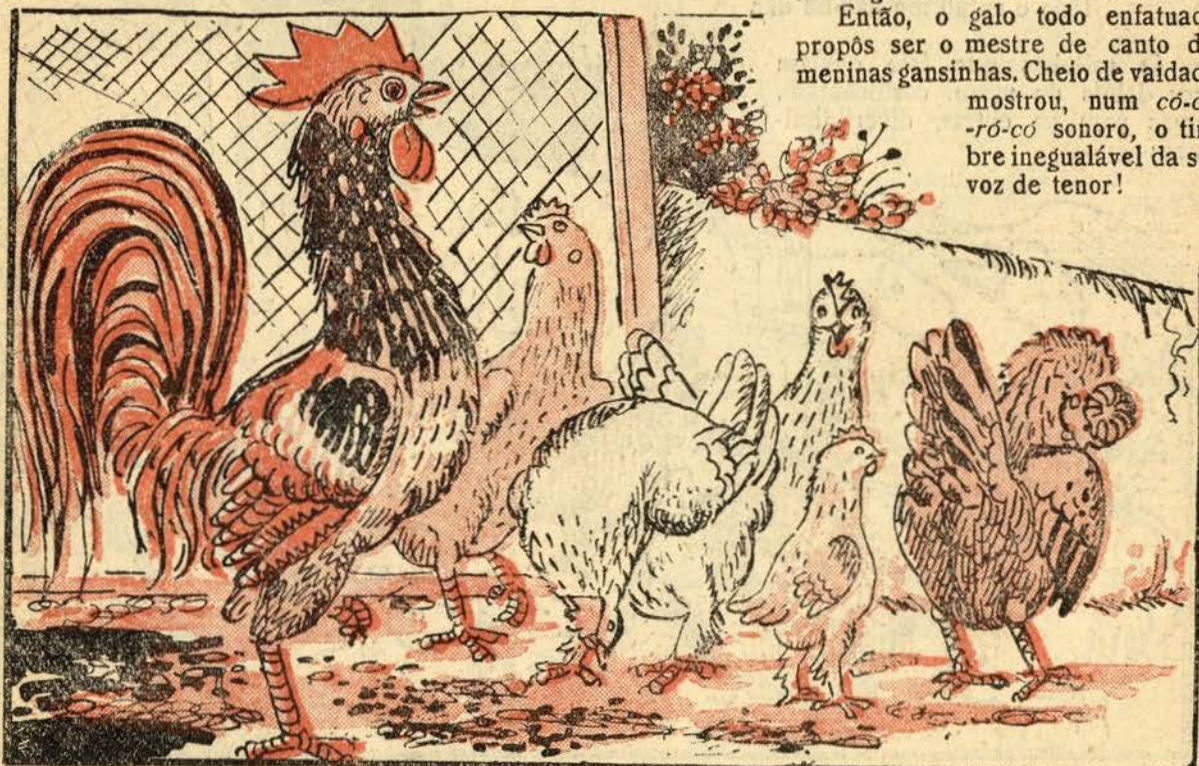
e sedosas penas e se movia com aquela agilidade.

O que desmanchava este conjunto de perfeições



era o vozeirão estridente que tanto as desgostava!

Então, o galo todo enfatuado, propôs ser o mestre de canto das meninas gansinhas. Cheio de vaidade, mostrou, num có-có-ró-có sonoro, o timbre inegalável da sua voz de tenor!



A velha gansa mais as filhas, ficaram encantadas!

Que sucesso não fariam se conseguissem mudar o som desagradável que lhes saía das gargantas, por aquele canto tão belo, tão atraente!

Então, a mãe gansa, ansiosa, perguntou ao galo.

— Qual a quantia que ele exigia, para ensinar o seu cantar?

E vai, levantando a crista, cheio de importância, o galo respondeu:

— Por grande favor, estou ao seu dispor. A combinação, por cada lição, será esta troca que não é baldroca: A comadre Gansa, dá-me esta pitança, o milho, que a rôdo e que em ar de bôdo, a velha caseira põe na capoeira.

Consternadas as três gansas, gemeram:

— Isso, assim, não pode ser que havemos nós de comer?

Mas o galo, teimoso, tornou:

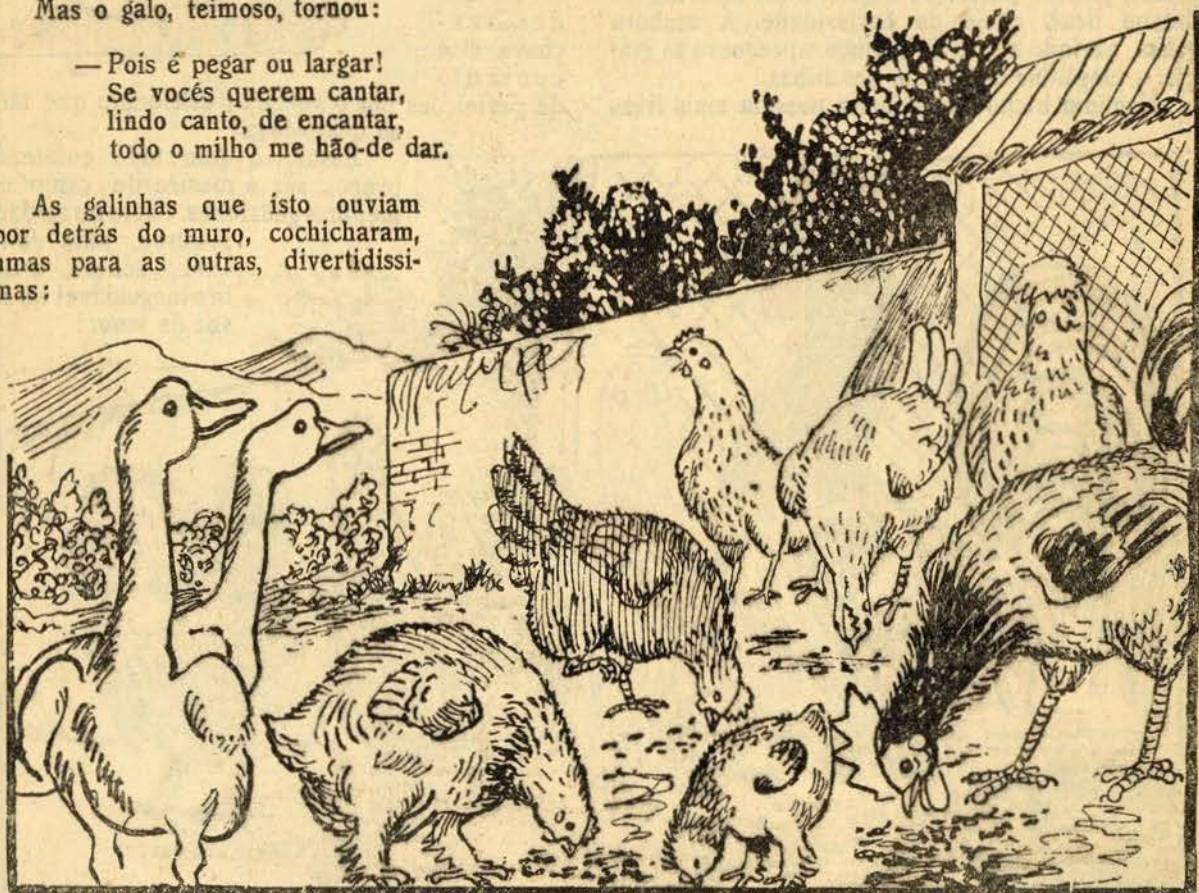
— Pois é pegar ou largar! Se vocês querem cantar, lindo canto, de encantar, todo o milho me hão-de dar.

As galinhas que isto ouviam por detrás do muro, cochicharam, umas para as outras, divertidíssimas:



— Esta idéia foi de estalo! Mas que esperto que é o galo! O caso é que, muitas tansas, Donas gansas, caíram na arriosa, nessa marosca!

Logo de manhãzinha, o mestre de canto seguia



O ARREPENDIMENTO DO VILÃO-RUIM

Por FERNANDO AUGUSTO DO VALE — Desenhos de A. CASTANÊ

E' conhecida, na Beira-Baixa, com o nome de — *Vilão-ruim* — uma ave pardacenta, do tamanho do noitibó, nocturna, a qual habita entre as várias moitas de carvalhões ou castanheiros que povoam as encostas das serras ou colinas. Não é emigrante e tem um viver solitário. A sua companheira encontra-se, algumas vezes, a uma certa distância. Cria uma vez no ano, pondo apenas dois ovos. Daí o motivo porque é uma ave rara, tendente a desaparecer.

Contavam os nossos avós desta ave o seguinte: — «Um dia, encontrando-se o *Vilão-ruim* numa charneca muito pobre, sentiu desejos de sair daquele lugar, visto que ali estava à mercê da comida que as outras aves lhe deixavam.

Uma alvéola que por ali passou, condoída da sorte do *Vilão-ruim* chamou-o e levou-o para uma outra região muito fértil.

As outras aves que lá se encontravam, rodearam o *Vilão-ruim* de todas as atenções, chegando, por fim, a ele-



fez-se valdoso, enchendo-se de arrogância descabida e, muitas vezes, em lugar de lhes zelar os seus interesses ainda as tratava mal com palavriado.

Foi devido a esta conduta que as mesmas aves lhe deram o nome de *Vilão-ruim*.

Esteve, ali, o *Vilão-ruim* ainda muito tempo, terminando por ver o povo das aves — se assim se pode chamar — completamente revoltado. Vendo, então, que já não se podia manter no alto

Um dia, o *Vilão-ruim*, vendo três homens numa pedra, pouco experientes, cada um com sua alavanca, a-fim-de removerem uma grande pedra, aproximou-se deles, e disse para um dos homens que estava à frente da pedra e que, por sinal, tinha nas mãos a alavanca de pinheiro mais grossa: — «Tu rolarita-o; tu rolarita-o; tu rolarita-o».

Um dos pedreiros disse, então, para os outros: — «Que leria de cantiga está para aí a dizer o *Vilão-ruim* ?

Diz outro: — «Ouçamos com toda a atenção». E o *Vilão-ruim* continuou: — «Tu rolarita-o; tu rolarita-o; tu rolarita-o».

Então, o pedreiro que estava à frente da pedra com a pesada alavanca, deu uma palmada na testa e disse: — «Já compreendi!... Já sei!... Dêem-me cá uma serra. Ora, agora, vão ver: — O que o *Vilão-ruim* quer dizer é que eu corte o meu pinheiro, isto é, a minha «panca», em pequenos rolos que se devem ir pondo debaixo da pedra, e, com as outras duas alavancas, a conduza».

Assim foi. A pedra montada nos rolos, seguia para a frente com um ligeiro impulso, semelhando um pequeno carro de rodas.

Os pedreiros ficaram, então, muito reconhecidos ao *Vilão-ruim* e manifestaram desejos de se aproximar dele.

(Continua na pág. 6)



gê-lo como representante delas, em qualquer reunião.

Enquanto o *Vilão-ruim* não se encontrou no alto cargo, teve sempre um viver modesto. Mas, apenas subiu,

lugar, resolveu fugir e tomar *viua nova*, com orientação muito diferente. Estava arrependido da sua conduta. Buscou os esconderijos das moitas, onde passou a tomar o papel de — «ave conselheira».

para a capoeira das discípulas, exactamente à hora da distribuição do milho.

Mal a caseira virava costas, êle entrava e comia até mais não poder.

Depois, fazia entrar as galinhas do seu conhecimento e elas acabavam o resto.

As gansas, desapontadas, olhavam para esta cena, cheias de fome, mas não se atreviam a intervir, senão ficavam sem a lição.

Quando já nada restava da bela paparoca, o galo já farto, cantava um *có-có-ró-có* triunfal em louvor à sua esperteza!

Começava, em seguida, a lição.

A' mingua de alimento, as vozes das gansas haviam perdido a fôrça, já não atroavam os ares com o seu barulho costumado, e o senhor galo, animando-as, exclamava, impando de orgulho:

— Com tal processo, fazem progresso!
A minha arte,
(modéstia à parte,

(Continuz na pág. 7)



JOÃO PIRIQUITO

entre os antropófagos

■ ■ ■ TEXTO de ZÉ da VILA ■ ■ ■ BONECOS de QUIM ■ ■ ■

JOÃO Periquito nascera na Beira, não tinha família e um defeito físico o diferenciava da maioria dos mortais: — era anão. Só e avesso aos seus semelhantes que dele troçavam, resolveu perterrorer mundo. Tão longe levou a sua peregrinação que um dia, não se sabe como, viu-se no interior de África. Ali, quando certa manhã, depois de um sono reparador, se dispunha a prosseguir as suas andanças, foi capturado por um preto que o levou à presença do soba. Piriquito, embora não conhecesse bem os hábitos selvagens dos africanos, concluiu que caíra em poder de antropófagos. A essa conclusão chegara ao ver a quantidade de ossos empilhados que eram, certamente, restos de festins em que havia predominado a carne humana. O soba, ao vê-lo, tão roliço e maneirinho, pulou de contentamento e imediatamente mandou reunir a tribo para uma demonstração de regozijo.

João Piriquito, que se vira já em sérios embaraços durante as suas viagens, não perdeu a moral e pôs-se a estudar a maneira de escapar aos terríveis canibais, os quais lhe fizeram saber que seria sacrificado à tarde, à hora da refeição maior.

O anão, ao ouvir esta advertência, tomou uns ares altaneiros e disse ao intérprete que comunicasse ao chefe que ele era um prodigioso feiticeiro e que, se o não tratassem bem, faria ir pelos ares a aldeia. Pôsto o soba ao corrente, da ameaça de João Periquito, mandou aquele que o suposto feiticeiro demonstrasse o seu poder. O nosso herói, que pela leitura do «Borda d'Água» soubera que naquele dia se devia dar um eclipse total do sol, mandou dizer ao soba que lhe precisava falar. Levado à sua presença, expressou-se nestes termos: — «Vou demonstrar-te que sou o homem mais poderoso da terra. Daqui a umas horas, apagarei o sol e tudo ficará imerso em trevas e da água e da terra farei brotar o fogo».

O negro escancarou a grande bocarra e depois de mostrar a agressiva dentuça, talvez para atemorizar o pobre anão, disse para um preto:

— Estuda a ementa da festa porque se este feiticeiro de má morte não faz o que diz, atiramo-lo logo para o caldeiro. Não te esqueças de incluir no «menú» filetes de Piriquito com tripinhas de leão.

O pobre João Piriquito, apesar do seu heroísmo e do calor tropical, sentiu um frio tam intenso que, durante uns momentos, se supôs nas regiões dos gelos eternos. Se o «Borda d'Água» falhasse estava perdido!

Às onze horas, quando o sol devia começar a obscurecer-se, o anão tirou da mochila um tricórnio empenachado que comprara num ferro-velho e pô-lo na cabeça. Tomando uns ares solenes, chamou um preto da multidão que o rodeava e, valendo-se das suas habilidades de prestidigitador, começou a tirar-lhe da carapinha fitas coloridas e bandeiras que depois distribuiu aos selvagens maravilhados. No espírito destes começou a nascer a convicção de que Piriquito era rialmente feiticeiro.

O nosso herói, ao verificar que o disco solar principiava a reduzir-se, começou a dançar a caninha verde com grande desembaraço e, após alguns rodopios, atirou-se ao solo enterrando, dissimuladamente, alguns bocados de carbureto de cálcio. Fimda a cena, que os pretos supunham de alta feiticeira, Piriquito, tomando uma atitude feroz, dirigiu-se ao soba e disse-lhe: — «Miserável preto, vais ver quanto eu sou poderoso!». Dentro de pouco tempo o sol desaparecera e da terra brotará fogo.

Tremam da minha cólera! — E pegando no arrocho de castanheiro que trouxera da terra natal, vibrou uma paulada na cabeça do preto que o capturara na floresta. — É a cólera dos deuses! — disse em voz de trovão. Os outros ne-

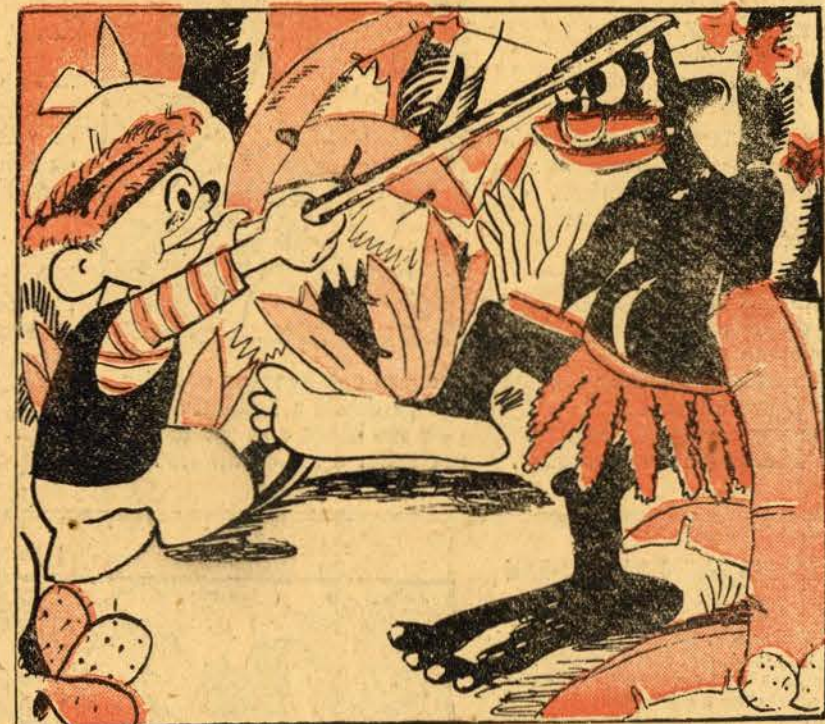
gros, aterrorizados encolheram-se com receio dos afagos do nodoso arrocho de Piriquito.

Quando o sol estava quase totalmente encoberto e as trevas já envolviam a Natureza, os pretos, cheios de medo, começaram a uivar orações, dançando à volta do nosso herói. Piriquito, que se via senhor deles, pôs em acção o seu perigoso cacete e tratou de distribuir pauladas com grande abundância, lembrando-se que, se não fóra o providencial eclipse, dentro de poucas horas seria cozido e devorado pela pretalhada.

Finalmente o sol desapareceu e ficou tudo mergulhado em trevas. Então Piriquito gritou aos antropófagos que suspendessem as danças e preces. Tendo eles obedecido, disse-lhes o nosso herói: — Já veem que sou o senhor da terra e do céu. Para lhes demonstrar o meu poder ilimitado vou fazer brotar fogo da terra, das pedras e da água. Após estas palavras, deitou dentro do caldeiro, que estava cheio de água, uma porção de carbureto, regou o solo no sítio onde enterrara outra porção e entornou uma botija de gasolina sobre as rochas. Depois, de simular umas rezas, riscou um fósforo e uma explosão formidável se produziu. A pretalhada, desvairada e soltando gritos de terror, fugiu para a floresta. Só o soba, impossibilitado de correr por causa do reumatismo e do peso do abdómen não seguiu os seus súbditos. Aproximou-se de Piriquito, calulhe aos pés e pediu-lhe perdão, inquirindo, ao mesmo tempo, dele o que desejava. O nosso herói, com ares fanfarrões, depois de ajeitar o tricórnio, respondeu-lhe que precisava de algum dinheiro para prosseguir a viagem e desejava que o mandasse pôr na terra mais próxima. O chefe negro prometeu assim fazer.

No dia seguinte, a tribo, com o seu soba, dirigiu-se à cubata onde estava alojado Piriquito. Este, ao ver-se rodeado de tanto preto, teve receio que eles, já esquecidos das suas habilidades do dia anterior, o quizessem devorar. Mostrou-se, porém, à turba altaneiro e agressivo. Na cabeça conservava o tricórnio e na mão o arrocho que brandia ameaçador. O soba, ao ver Piriquito, aproximou-se muito humilde e beijou-lhe as botas cambadas. Depois deu-lhe uma bolsa de ouro e convidou-o a tomar assento numa machila. O anão antes de subir, ofereceu ao chefe negro uma reprodução fotográfica do seu arrocho e disse-lhe que ela o salvaria dos maus espíritos e lhe tiraria a dor de dentes e de reumatismo.

Ao partir, entre duas filas de pretos, estes gritaram em coro:



— Viva o grande feiticeiro João Piriquito! Viva-a-a-a!... E foi assim que o nosso aventureiro anão se viu livre dos antropófagos.



CORRESPONDENCIA

Amadeu dos Santos Silva: — Agora, sim. O teu desenho está nas condições de ser reproduzido.

M. S. B. Viana: — Recebemos o conto que vai ser lido e apreciado pelo director da secção.

Guida R. M.: — Deve ser posto à venda, em meados do mês que vem, o livro a que te referes.

Joaquim Pereira Verride: — As adivinhas, com ligeira correcção, serão publicadas a seu tempo.

Margarida do Monte: — O director do nosso suplemento vai escrever-lhe por estes dias, relativamente à vossa colaboração

que, embora revele qualidades literárias, não tem sido possível publicar.

Afectuosas lembranças do amiguinho
TIO PAULO

DOIS AMIGUINHOS

Por MARIA DO ROSÁRIO

Desenho de A. CASTAÑE

Eu conheço dois meninos
como não há outros dois.
São ainda pequeninos
os referidos heróis:
seis anos um, outro cinco,

Eu, que sou muito mais velha
e devia ter juízo,
ainda com ambos brinco
quando é preciso;
e então, ponho-me a cantar:

*Pico, Pico, Sardanico, velha-reilha
ou histórias da Carochinha:*

— «Uma vez uma rainha...»

E ei-los, quados, a escutar
d'olhos pregados em mim.

E os olhos são tão bonitos
que eu me esqueço de acabar,
ficando-me absorta, assim,
mudamente a examinar
os tesouros infinitos
de bondade e inteligência,
que os seus olhos me revelam.



Esqueço que os meus ouvintes
vão perdendo a paciência,
pois são bebês e se põem
por saber o fim da história.

E' a Milú, com requintes
de carinho,
quem me desperta a memória.

— (Chama-se ela, simplesmente,
a Milú; êle o Zézinho.) —

E' a Milú, docemente,
quem me quebra o devaneio:

— «Já terminou o teu conto?»

— «Ah, não... Eu ia no meio
da história do págem loiro,
do velho mágico e tonto,
da Princesa-das mãos d'ouro
e da Fada Bem-me-quer...»

Recomeço a contar, devagarinho,
p'ra demorar o prazer
de sentir, sôbre mim fitos,
os olhitos tão bonitos
da Milú e do Zézinho!

■ F I M ■

O ARREPENDIMENTO DO VILÃO-RUIM

(Continuado da pág. 3)

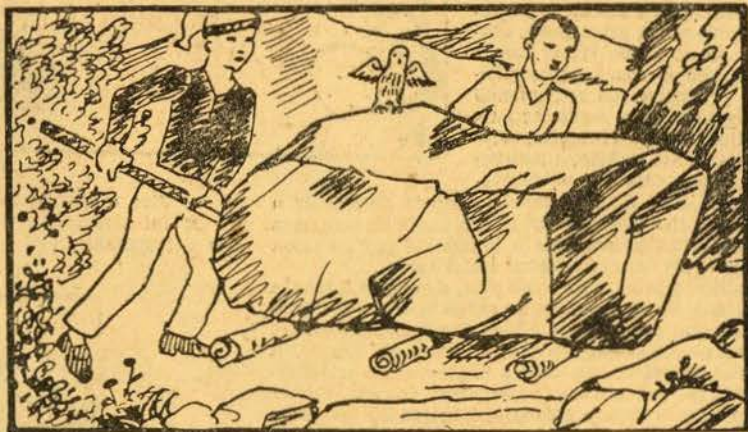
O Vilão-ruim, notando que os servi-
çais não eram mal intencionados, apa-
receu-lhes junto a uma grande moita
de carvalhicos e disse lhes:

— «Olhai, meus amigos, eu fui criado
entre os humildes e humilde era a mi-
nha família.

Um dia, aguçado por uma ambição
justificada, fui para outras terras onde
desempenhei lugares de alta confiança.
Mas, em vez de os desempenhar bem,
isto é, imbuir-me nos verdadeiros prin-
cípios de Bondade e Justiça, tornei-me
orgulhoso e mau, a valer!... Daí o
justificado ódio que recaiu sôbre mim,
dando-me o nome de Vilão-ruim...»

A máguia que êste nome acarreta
para mim e meus descendentes, obri-
ga-me a andar por aqui, perdido, entre
os lugares sombrios, fazendo bem à
agricultura e anunciando com o meu
canto, aos lavradores, os dias inver-
nosos e os dias de estiagem. Repito:
— enquanto as outras aves se retiram
para lugares quentes ou as que ficam,
se calam, no Inverno, eu, pelas
frias noites, sôbre o serão ou sôbre a
madrugada, canto a minha eterna
canção: — «Tu rolarita-o; tu rolarita-o;
tu rolarita-o».

— «Ah!... agora, já acabei de per-
ceber!» diz um dos outros pedreiros;



por isso dizem as pessoas das aldeias
ou quintas, o seguinte:

— Canta o Vilão-Ruim de madru-
gada, temos invernada.

Canta ao serão, temos verão.

— E, justamente, isso. Eu sou o in-
formador do tempo — diz o Vilão-ruim.

— «E, quando vós sentirdes o meu
triste cantar: — «Tu rolarita-o; tu ro-
larita-o; tu rolarita-o» — lembrai-vos
desta pobre avezinha que jámais pode
despojar-se do feio nome que lhe fi-
cou!...»

E, dizendo isto, levantou vô e fugiu
para muito longe.

«Coração tardiamente arrependido,
pelo cruel remorso, é consumido».

■ F I M ■

CHARADAS COMBINADAS — UMA SILABA A DIVINHA

+ ta — rumo
+ ta — bosque
+ ta — nome de mulher
+ ta — registo solene
Conceito — Arraial

+ ta — animal
+ ta — roupão
+ ta — rumo
+ ta — folha de metal
Conceito: — basofeiro

+ to — utensilio de mesa
+ to — cobertura
+ to — cama
+ to — animal roedor
Conceito: — Suporte

+ lo — Endurecimento
+ la — Escavação
+ ta — Folha de metal
+ to — Cerimonial
+ la — Fileira
Conceito — Esquadrão

+ te — Planeta
+ ra — Substancia
+ ta — Escol
+ ta — Nome de mulher
+ ma — Ala
Conceito: — Oficina

+ la — Rebordo
+ ta — Ventura
+ ta — Escol
+ co — Opulento
+ co — Vaso
Conceito: — Grosseiro



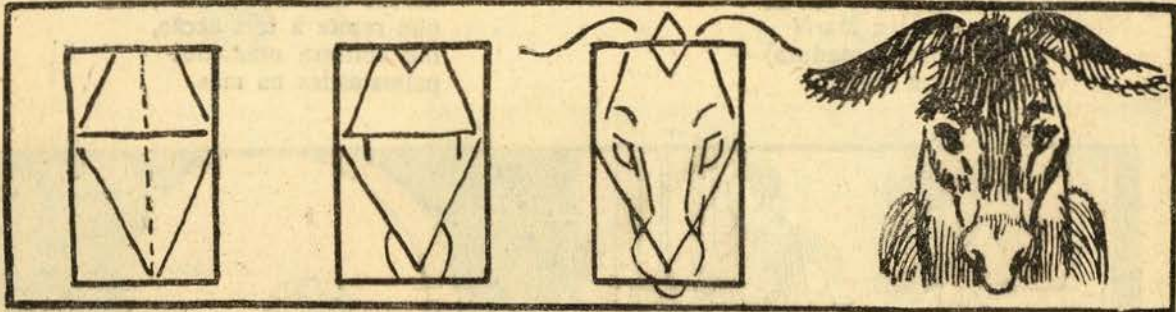
Meus meninos: Vejam se descobrem onde se encontra o dono deste galinho.

CHARADAS EM FRASE

Atrás daquela linda casa está a proprietária desta planta medicinal — 2-2.
Este tecido nas mãos desta mulher torna-se uma ciência. — 2-3.
Lindbergh na nossa capital é capaz dum grande feito — 2-3.
Esta pedra presa a um laço e com um pêso forma as iniciais dum nome — 1-1-2.

SOLUÇÃO DAS ANTERIORES: — 1—Prateleira; 2—Guardanapo; 3—Avental; 4—Adelaide; 5—Reposteiro; 6—Cigarra; 7—Elefante; 8—Criatura; 9—Trinchante.

L I Ç Ã O D E D E S E N H O



Como se desenha a cabeça dum burrinho

A FAÇANHA DO GALO CANTOR

(Continuação da pág. 3)

sem presunção!)
teve o condão
de transformar,
de assim mudar
vossa grasnada!
Daqui a nada,
ninguém as ouve!
Assim me aprouve!

Na verdade, as pobres gansas, outrora temidas pelos seus vozeirões sem igual, agora, quando abriam o enorme bicanço, o grasnar dos patarcos, o cacarejar das galinhas e o pipiar dos pintos, faziam um vistão, ao pé da vózinha triste e apagada que de lá saía.

Enquanto elas definhavam, numa debilidade de esfomeadas, o galo e as galinhas cada vez andavam mais anafados e roliços.

A caseira começou a notar o caso exquisito! As suas gansas estavam doentes, pela certa!

Tanto milho deixava numa capoeira como noutra, e os animais andavam, uns escanzelados e outros gordos como nabos!

Certo dia, depois de espalhar o milho no chão, pôs-se de atalaia, escondida atrás duma árvore. Logo viu saltar, por um buraco da rede, o malandrê do galo e, atrás dele, uma data de galinhas.

A' porfia, meteram no papo todo o milho.

Encolhidas a um canto, as gansas não tugiãem nem mugiam.

— Ora o desafôro! — exclamou a mulher espantada. — Eu já lhes conto um conto! Farçantes! Velhacos! Não lhes basta a comida da sua casa, ainda vêm tasquinhar a dos outros! — e záz! à pedrada, tratou de os enxutar dali para fóra.

Mas o castigo não ficou por aqui!

Tanto haviam comido que estavam mesmo a pedir panela!

Uns atrás dos outros, serviram de pitéo na mesa da patrão.

Foi este o triste fim do esperto professor de canto, mais das suas senhoras galinhas.

As gansas, outra vez com o papo a abarrotar de bela paparoca, já fortes e cheias de vida, depressa se convenceram que os vozeirões barulhentos, com que haviam nascido, eram a sua voz natural e agora, muito felizes da sua vida, gritavam aos quatro ventos:

— O galo mais as galinhas paparam as estopinhas mas esta grande façanha, feita com esperteza e manha, só lhes deu em resultado comerem-nos em guisado!

Curiosidade Castigada



I — Zèzinho tem a mania de espreitar à fechadura, para ver onde a Maria — (cozinheira já madura) — vai guardar a doçaria.

II — O pai, numa exaltação, diz-lhe que à primeira vez que repita a feia acção, lhe aplicará umas dez palmatoadas na mão.



III — Certa noite, o diabrete ao boião do açúcar vai e uma concha à bôca mete. Mas, de volta, vê o pai entrar no seu gabinete.



IV — Cedendo à feia mania de espreitar à fechadura, notando que o pai seguia de muito má catadura, torna a espreitar. — «Que seria?!...»



V — O que o Zèzinho então vê de lhes contar eu me abstenho, pois o leitor, que me lê, verá melhor no desenho feito pelo Castañé.